

OBESIDADE E SOBREPESO EM CRIANÇAS: FATORES ASSOCIADOS E RISCOS À SAÚDE

Shynara Jovelina Pianezzola Silveira¹

Ricardo Rodrigo Rech²

¹ Graduanda em Educação Física, Universidade de Caxias do Sul (UCS). Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Petrópolis, Caxias do Sul – RS, Brasil.

² Prof. Dr. em Ciências da Saúde, Universidade de Caxias do Sul (UCS). Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Petrópolis, Caxias do Sul – RS, Brasil.

RESUMO

A obesidade em crianças e adolescentes vem se tornando comum e crescendo a cada dia com a facilidade e praticidade de obter alimentos ricos em gorduras e conservantes e, ao mesmo tempo, à falta de atividade física fora do âmbito escolar. O objetivo do presente trabalho é apresentar consequências que a obesidade e o sobrepeso trazem na vida das crianças e adolescentes, tanto em sua vida social como afetiva. Foi realizado um estudo bibliométrico em três bases de dados, acerca do tema da pesquisa. Foi observado que a obesidade traz graves riscos à saúde do indivíduo e complicações em articulações, que são importantes para a distribuição de carga do corpo humano. A influência dos pais na alimentação das crianças está diretamente ligada ao desenvolvimento da obesidade ou não, que se torna perigosa ao longo dos anos, tanto fisicamente quanto emocionalmente na vida das crianças, e que por diversas vezes passa despercebida ao olhar das pessoas em sua volta.

Palavras-chave: Obesidade e sobrepeso, fatores associados, doenças emocionais, visão dos pais.

ABSTRACT

Obesity in children and adolescents is becoming common and growing every day with the ease and practicality of obtaining foods rich in fats and preservatives and, at the same time, the lack of physical activity outside the school environment. The objective of this study is to present consequences that obesity and overweight bring to the lives of children and adolescents, both in their social and affective lives. A bibliometric study was carried out in three databases, on the research topic. It was observed that obesity poses serious risks to the health of the individual and complications in joints, which are important for the distribution of load on the human body. The influence of parents on children's food is directly linked to the development of obesity or not, which has become dangerous over the years, both physically and emotionally in the lives of children, and which often goes unnoticed by the eyes of people around them .

Keywords: Obesity and overweight, associated factors, emotional illness, parents' view.

INTRODUÇÃO

A obesidade é definida como um distúrbio metabólico onde há um aumento de massa adiposa no organismo, refletindo em um aumento de peso corpóreo. O indicador mais utilizado e prático para identificar sobrepeso e obesidade em escolares é o índice de massa corporal (IMC), onde fatores como sexo e idade devem ser levados em conta. (HERNANDES; VALENTINI, 2010).

Atualmente, as indústrias alimentícias estão cercadas de propagandas, vendendo seu produto e aguçando a vontade das crianças ao consumo excessivo à esta alimentação rica em conservantes e gorduras, e nota-se como estes alimentos vem tomando um espaço cada vez maior nas lancheiras dos escolares. A organização Mundial de Saúde (OMS) aponta a obesidade como um dos maiores problemas de saúde pública no mundo. A expectativa é que, em 2025, cerca de 2,3 bilhões de adultos estejam com sobrepeso; e mais de 700 milhões, obesos. O número de crianças com sobrepeso e obesidade no mundo poderia chegar a 75 milhões. A obesidade entre jovens de 10 a 19 anos estava em torno de 24% na região sul e sudeste, no último levantamento oficial feito pelo IBGE entre 2008/2009. (ABESO, 2019).

Um estudo realizado em Capão da Canoa - RS, onde foram avaliadas 719 escolares, 178 apresentam sobrepeso ou obesidade (24,8%). No que se refere às variáveis socioeconômicas, somente o tipo de escola apresentou diferença significativa, onde foi encontrada uma prevalência de sobrepeso e obesidade de 25,7% nas escolas municipais; 17,1% nas escolas estaduais; e 39,2% nas particulares. No dito estudo, também foi analisado que a prevalência de sobrepeso e obesidade nas meninas era menor que em meninos. (SUÑÉ et al., 2007).

Rech (2013) realizou um estudo transversal com 1.230 alunos, com idade de 11 a 14 anos, na cidade de Caxias do sul - RS, sendo 606 meninas e 624 meninos. No estudo mencionado, os dados foram coletados para prevalência de obesidade, sobrepeso e sintomas de Distúrbio Erétil (DE), sendo que os resultados apresentaram 7,30%; 22,80%; e 33,10%, respectivamente. No estudo a relação de refeições diárias igual ou superior a quatro foi fator protetor para excesso de peso.

Colognese et al. (2015), realizaram um estudo transversal na cidade de Farroupilha - RS nos meses de agosto a outubro de 2014. A população alvo do estudo foram alunos da rede pública, de 11 a 14 anos de idade. No total, foram avaliadas 886 crianças de ambos os sexos. No estudo, foi encontrada prevalência de excesso de gordura nas meninas (70,2%), comparando com os meninos

(51,6%). Também foi observado que o hábito de realizar menos de 4 refeições diárias mostra estar ligado diretamente ao excesso de obesidade, e que a prática de exercícios físicos fora do horário escolar é um importante aliado para a manutenção do peso adequado.

Ao reconhecer que obesidade é uma doença que deve ser levada a sério desde os primeiros sinais, observa-se que ela não age sozinha no organismo. A obesidade pode trazer graves riscos à saúde do indivíduo e complicações em articulações, que são importantes para a distribuição de carga do corpo humano. Além de inúmeras complicações metabólicas e cardiovasculares.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão bibliométrica em artigos que abordam o assunto sobre obesidade e sobrepeso em crianças e adolescentes.

Base de dados

A busca foi realizada nas bases de dados PubMed, Scielo e Google Acadêmico.

Palavras-chave:

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: obesidade, sobrepeso, crianças e adolescentes, riscos à saúde; usando a combinação das palavras em português e inglês.

Período de busca

A revisão bibliométrica foi realizada entre os meses de março e junho de 2020.

Faixa de data dos artigos selecionados

Os artigos utilizados foram selecionados por ano de publicação sendo escolhidos entre 2010 e 2019.

Artigos selecionados

Os artigos usados para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionados através de sua alta relevância em dados sobre obesidade e sobrepeso, além de

serem escolhidos pelo ano de publicação, 2010 a 2019, tornando o estudo mais recente.

Todos os artigos citados neste trabalho demonstram o quando a obesidade vem se tornando uma doença com vários fatores associados, e incluindo o agravamento à saúde de crianças e adolescentes, cada vez mais precoce.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A seguir, os tópicos pesquisados na revisão bibliográfica dos artigos encontrados nas bases de dados.

Fatores associados à obesidade

A obesidade normalmente está associada aos fatores genéticos ou ambientais, o sedentarismo, e os maus hábitos alimentares, que potencializam o aumento de obesidade no mundo. O método que facilita a indicação de sobrepeso mais utilizado é o Índice de Massa Corporal (IMC), onde fatores como sexo e idade deve ser levados em conta. (HERNANDES; VALENTINI, 2010).

A obesidade é uma condição crônica não transmissível, caracterizada pelo acúmulo de gordura corporal, resultante de interações genéticas, biológicas, ambientais, psicológicas e socioculturais. (COSTA et al., 2016).

A prevalência de obesidade infantil continua a aumentar de forma significativa no mundo. Na Europa, em geral, e em Portugal, especificamente, tem se tornado causa de grande apreensão em termos de saúde pública. Na Europa, uma a cada cinco crianças têm excesso de peso. (LOURENÇO; SANTOS; CARMO, 2014).

O excesso de peso na infância pode ocasionar complicações ortopédicas como desconfortos musculoesqueléticos, fraturas e dificuldades de mobilidade. (RECH et al., 2010).

Em uma revisão realizada, com o objetivo de analisar e entender a visão dos pais sobre obesidade, Tenório e Cobayashi (2011) concluíram que os pais tendem a subestimar o peso dos filhos, revelando que a maioria dos pais observavam o peso corporal dos seus filhos menor do que realmente é.

Neste sentido, uma pesquisa realizada por Camargo e Filho (2013) mostra que a percepção das mães sobre o peso dos filhos afeta principalmente os hábitos alimentares dos pais. E, também, pais com hábitos alimentares não saudáveis geram, indiretamente, o mesmo ciclo alimentar na criança. Além destes fatores,

mães concluem que o peso extra dos seus filhos os tornaria mais fortes e menos sujeitos a doenças virais, onde a magreza foi apontada como problema de saúde.

Uma pesquisa realizada por Dornelles et al. (2014) mostrou que os pais associam o aumento de peso dos seus filhos pela praticidade alimentar que vem crescendo cada vez mais em mercados e lanchonetes, e pela falta de espaço para as crianças brincarem.

Segundo um estudo realizado por Rech et al. (2010), a aptidão aeróbica e a prática de esportes fora do horário escolar são fatores que atuam positivamente para manutenção de um peso adequado. Já a manutenção de hábitos sedentários, não tomar café da manhã e realizar um número inferior a quatro refeições diárias favorecem, nas crianças, peso acima do normal.

Neste sentido, Pedroni et al. (2013) realizaram um estudo com crianças entre 11 e 14 anos em Caxias do Sul - RS, e encontraram que o excesso de obesidade abdominal e gordura corporal foi maior em crianças com hábitos sedentários.

Já Ramanholo (2016), aponta que o sedentarismo pode criar uma sociedade acostumada com a facilidade do mínimo esforço. Esta combinação de alimentação inadequada, indivíduos predispostos à obesidade e sedentarismo contribuem muito para o aumento da obesidade no mundo.

Papandreou (2010) realizou um estudo com 205 crianças, entre 7 e 15 anos de idade, de oito escolas primárias da Grécia. O estudo mostrou que crianças que tem atividade física no seu tempo de lazer tendem a ter menos probabilidade de se tornarem crianças, e futuramente adultos, obesos. Já crianças que passam muito tempo assistindo televisão e consomem auto teor de bebidas açucaradas, foram positivamente associadas a um maior risco de obesidade infantil.

Neste mesmo sentido, em um estudo transversal realizado com 872 crianças residentes da Suíça, o uso de televisão ou videogame por mais de 2 horas por dia e o pouco tempo para prática de atividade física, foram associados ao aumento significativo da obesidade em crianças e adolescentes. Outro fator relevante encontrado no estudo, é que crianças que possuem mães que trabalham fora de casa seriam mais propensos à obesidade do que as que possuíam as mães em casa. Esta associação teve por base que crianças sem supervisão tendem a comer maior quantidade de alimentos não saudáveis, do que as que tem os pais preparando seus lanches do dia. (STETTLER, 2012).

Mello et al. (2010) realizaram um estudo transversal em Marinalva, com 356 alunos. A prevalência de sobrepeso encontrada foi de 20%, e a de obesidade de

7%. A maioria dos alunos (72%), não praticava atividade física fora da escola e pouco mais da metade deles (53%), gastava mais de quatro horas por dia em atividades sedentárias.

Rosiek et al. (2015) afirmam que anúncios e meios de comunicação de massa têm um efeito significativo nos hábitos alimentares da população. A quantidade de tempo gasto em frente à televisão e o conteúdo assistido podem ser uma razão para o desenvolvimento da obesidade. A televisão não apenas contribui para a inatividade física, mas também os comerciais e outros programas nos incentivam a comer mais.

Robinson et al. (2017) afirmam que vários fatores são associados à obesidade, incluindo o uso constante de mídias, um deles é o alto nível calórico de alimentos que é ingerido durante a visualização, ou até mesmo o uso de marketing para aumentar o consumo por produtos. Segundo a Federal Trade Commission, as empresas de alimentos e bebidas gastaram 1,8 bilhões de dólares em marketing para crianças e adolescentes nos Estados Unidos, em 2009.

COMPLICAÇÕES DA OBESIDADE

Os indivíduos que apresentam gordura corporal acima dos valores aceitáveis, possuem maior risco de desenvolver doenças crônicas degenerativas como cardiopatias, acidentes vasculares cerebrais, hipertensão, dislipidemias, diabetes melito, aterosclerose, cálculo biliar e neoplasias. Tais doenças, que normalmente são observadas em adultos, estão cada vez mais sendo diagnosticadas em idades precoces. (MIRANDA et al., 2011).

Batista (2011) aponta algumas complicações que a obesidade pode trazer, como doenças respiratórias e cardiovasculares que estão ligadas diretamente à vida das pessoas, e doenças psicossociais, que afetam a vida social. Batista também aponta o grande risco da criança obesa se tornar um adulto obeso, e apresentar complicações em sua saúde.

Çam e Üstüner Top (2019) realizaram uma pesquisa transversal com 1216 adolescentes, de 14 a 18 anos, nos anos de 2018 a 2019, na Turquia, foram utilizados formulários de questionário e medidas antropométricas. A prevalência de excesso de peso foi de 26,1%, enquanto a de obesos foi de 12,8%. Neste estudo, notou-se que mais de um terço dos estudantes estavam com sobrepeso ou obesos. A obesidade foi associada ao tempo de tela, atividade física e

relacionamento familiar, a obesidade em crianças teve um impacto negativo em sua qualidade de vida.

COMPLICAÇÕES ORTOPÉDICAS E CARDIOVASCULARES

Outras complicações encontradas em crianças obesas foram os desvios posturais. Silva et al. (2011) realizaram uma pesquisa com 33 crianças e adolescentes do Paraná, com o intuito de comparar as dores e desvios posturais em obesos e não obesos. Após as avaliações, os autores encontraram maior índice de dores e desvios posturais em obesos.

Brandalize et al. (2010) apontaram mais complicações ortopédicas em indivíduos obesos do que em indivíduos eutróficos, e os principais problemas relatados foram: hiperlordose lombar e joelhos valgus, e dores musculoesqueléticas, principalmente na coluna lombar e membros inferiores. Os autores citam como aumento das dores alguns aspectos como: aumento de peso corporal, aumento da sobrecarga articular associada a uma estruturação esquelética ainda em formação, diminuição da estabilidade postural, e aumento do gasto calórico em atividades diárias.

Paprocka et al. (2017) realizaram um estudo com um grupo representativo de crianças e adolescentes de 3 a 18 anos, escolhidos aleatoriamente em jardins de infância (3 a 6), escolas primárias (7 a 12), e escolas primárias e secundárias (13 a 18), de Poznań, Polônia. A duração do estudo foi de dois anos, e o exame incluiu um total de 1363 meninos e 1369 meninas. Dos indivíduos examinados, 67,9%, sendo 918 meninos e 938 meninas, apresentaram pelo menos uma alteração postural em crianças obesas, a prevalência de defeitos posturais foi significativamente maior do que nas crianças com massa corporal normal.

Os erros posturais observados com mais frequência em crianças com excesso de massa corporal, entre 3 e 6 anos, foram alinhamento incorreto do ombro e abdômen saliente. Os erros posturais observados com mais frequência em alunos com sobrepeso e obesidade, de 7 a 12 anos, foram joelhos em valgo, alinhamento abdominal incorreto e pés chatos. (PAPROCKA et al., 2017).

Gazolla et al. (2014) afirmam que a obesidade tende a afetar a saúde cardiovascular e favorece o desenvolvimento da aterosclerose por diversas vias, com base no processo de desenvolvimento da aterosclerose e das outras doenças associadas a esses fatores. O rápido aumento da prevalência da obesidade em

crianças nas últimas décadas, pode eventualmente estar antecipando a idade de início da instalação da aterosclerose.

Sendo assim, é considerado um dos primeiros passos para desenvolver alterações no metabolismo da glicose e no desenvolvimento da resistência à insulina, o que torna as crianças obesas um grupo de risco. Se antes era considerada uma síndrome tipicamente do adulto, com o aumento das taxas de obesidade infantil e em adolescentes, a presença de componentes da síndrome metabólica (SM) ocorre cada vez mais cedo. (GAZOLLA et al., 2014).

Em dados coletados por Umer et al. (2017), em 4840 citações revisadas, um total de 23 estudos foram incluídos na revisão sistemática e 21 na reanálise. Os resultados deste estudo sugerem que a obesidade infantil pode ser um fator de risco para doenças cardiovasculares em adultos. Ayer et al. (2015) apresentaram alguns dos efeitos cardiovasculares em crianças, o estudo realizado com criança e adultos entre 10 e 24 anos apresentou um aumento da massa ventricular esquerda (MVE) em crianças e adolescentes obesos, em comparação com controles normais de peso.

Outra estrutura cardíaca que apresentou alteração foi o Átrio esquerdo (AE), o tamanho do átrio esquerdo está associado de forma independente a um maior risco de fibrilação atrial, acidente vascular cerebral, insuficiência cardíaca e morte em adultos. Vários estudos demonstraram uma associação entre o IMC e o tamanho do átrio esquerdo (AE) na infância, e maior tamanho de AE em crianças com sobrepeso e obesos, do que com peso normal. A relação entre o tamanho do AE e a obesidade pode estar relacionada a anormalidades na mecânica ventricular, particularmente disfunção diastólica. (UMER et al., 2017).

Pode-se concluir que, estes dados sugerem que a obesidade infantil tem um efeito importante na estrutura cardíaca, que persiste na vida adulta. O artigo ressalta que uma intervenção no estilo de vida, como alimentação saudável, prática de exercícios e redução de atividades sedentárias, são os pilares do tratamento da obesidade na infância e adolescência.

Consequências psicossociais e emocionais

Melo, Serra e Cunha (2010) afirmam que a obesidade pode trazer consequências psicossociais e emocionais, onde a autoestima da criança é invertida. Os autores também citam que adultos obesos desde a infância tendem a ter dificuldades em se relacionar com outras pessoas, na vida profissional e em manter cuidados com a sua saúde.

Rankin et al. (2016) apontaram que crianças entre 12 e 14 anos tendem a desenvolver depressão, transtorno de ansiedade e altos níveis de estresse e baixa autoestima. Crianças obesas podem apresentar transtornos de humor quando adultos. Em relação à autoestima, os autores apontam que meninas sofrem mais do que os meninos obesos, já que elas tendem a se autocriticar. Em relação à prevenção e intervenção, as evidências do estudo apontam que quanto mais cedo começar o tratamento para uma melhora de qualidade de vida melhor, quanto antes introduzir hábitos alimentares saudáveis e atividades físicas, será muito benéfico para as crianças obesas.

Rosiek et al. (2019) utilizaram dados autorreferidos, obtidos no registro Digital de Saúde da Criança, nos anos de 2010-2011 a 2012. A população do estudo consistiu em 13.740 alunos do ensino médio, de 13 a 14 anos em Amsterdã, na Holanda. Quando comparados com colegas com peso normal, os adolescentes com obesidade ou sobrepeso relataram problemas psicossociais e pensamentos homicidas frequentes. Em Amsterdã, onde a prevalência de sobrepeso é de cerca de 20%, o peso é a norma predominante entre os adolescentes.

Sagar (2015) realizou um estudo com uma amostra populacional de 421 crianças obesas, avaliada no CPMS (Childhood Psychopathology Measurement Schedule – Cronograma de Medidas da Psicopatologia Infantil), e a prevalência de psicopatologia foi encontrada em 44,2% das crianças obesas, em comparação com apenas 13,8% das crianças não obesas.

A mudança no estilo de vida das crianças indianas levou a um aumento das horas de inatividade, muitas vezes atribuídas à crescente pressão acadêmica e ao estresse competitivo. O estresse também foi visto como um importante contribuinte psicossocial para a obesidade, e crianças estressadas são mais propensas a se entregar a excessos emocionais.

A obesidade também tem um impacto negativo significativo no desenvolvimento emocional da criança. As crianças com excesso de peso têm maior probabilidade de serem vítimas de discriminação, isolamento social e bullying.

A visão de um corpo perfeito também influencia a saúde mental de crianças e adolescentes, principalmente nas meninas. O bem estar psicológico em adolescentes entre 12 e 13 anos de idade foi afetado pela ideia de se sentir gordo, ou estar gordo. A insatisfação com seu corpo atua como ponte para sintomas depressivos em crianças obesas.

Castro et al. (2016) realizaram um estudo transversal, entre os meses de abril e junho de 2015. A amostra do estudo foram 94 estudantes de 4 a 10 anos de idade, em um município mineiro, que se enquadravam nos critérios de sobrepeso ou obesos. Destes estudantes, 42 eram meninas e 52 meninos, sendo que, respectivamente, 19,15% obesas e 25,53% com sobrepeso, e 27,66% obesos e 27,66% com sobrepeso. Com base nos dados coletados, os parâmetros mais afetados foram a vida social, física e psicossocial.

Neste contexto, nota-se a importância de estabelecer cuidados à saúde da criança, principalmente no âmbito escolar, a fim de identificar a obesidade e sobrepeso e construir estratégias para melhora na saúde da criança, servindo de estímulo para que elas melhorem as suas escolhas em alimentos, de modo que não sintam e não sejam discriminadas.

Uma pesquisa foi realizada com professores de três escolas de rede estadual do Rio de Janeiro, com o objetivo de verificar a percepção dos professores em relação aos problemas encontrados e vivenciados pelos alunos obesos em ambiente escolar, associando ao bullying. Como resultado, mais da metade dos professores apontou como preconceito um dos problemas vividos pelos alunos acima do peso, sendo alvos de xingamentos e perseguições, seguido por problemas de exclusão, baixa autoestima e timidez. (COSTA; SOUZA; OLIVEIRA, 2012).

Lumeng et al. (2010) realizaram um estudo com crianças da sexta série, onde testaram a relação entre o peso da criança e as chances de sofrer bullying, conforme relatado, na sexta série, 33,9%, 44,5% e 24,9% das crianças foram vítimas de bullying, relatado por professor, mãe e autorrelato, respectivamente. Houve uma associação positiva entre ser obeso e sofrer bullying, em sua vida social ou escolar.

Influência familiar na obesidade infantil

Frankel, Powell e Jansen (2018) relata que as práticas alimentares dos pais influenciam o comportamento alimentar das crianças e o status do peso. Patel et al. (2018) realizaram uma pesquisa através de 20 artigos, onde relatam que uma criança tem entre dez a doze vezes mais chances de ter obesidade quando tem dois pais com obesidade, quando comparada a ter pais com peso saudável, além disso a criança desenvolve hábitos alimentares não saudáveis mais cedo. Também ressalta sobre o uso de comida para controlar as emoções negativas, onde sugere-se que

nesta reposta ao estado emocional dos seus filhos, eles possam influenciar negativamente a alimentação emocional na idade adulta.

Rodríguez Martín et al. (2012) realizaram um estudo transversal realizado com 1620 crianças, de 3 a 16 anos, selecionadas por amostragem em vários estágios (2008-2010), das quais 454 apresentaram excesso de peso. Foram estudadas características antropométricas da família, hábitos alimentares, atividade física e estilo de vida sedentário. Um percentual significativo do excesso de peso das crianças não é percebido pelos pais.

Ashraf, Shamsi e Ashraf (2017) realizaram um estudo transversal no período de abril a outubro de 2010, no hospital Universitário Aga Khan, Karachi no Paquistão, com pais de crianças com 5 a 14 anos de idade. No total, participaram da pesquisa 305 familiares, sendo 196 (64,3%) mães e 109 (35,7%) pais. No geral, 179 (58,7%) dos pais perceberam incorretamente o status de peso de seus filhos. No estudo foi concluído que os pais observavam os pesos dos seus filhos de forma diferente do real peso das crianças.

Merema et al. (2015) apontaram que, na Austrália, mais de um quarto das crianças entre 5 e 15 anos está com sobrepeso ou obesidade. A análise foi realizada com dados de 4.437 pais, que responderam em nome de seu filho entre 5 e 15 anos nas entrevistas telefônicas, assistidas por computador do HWSS, de 2009 a 2012. Os domicílios foram selecionados aleatoriamente, a cada mês, na lista telefônica eletrônica (White Pages). As percepções dos pais sobre o status de peso de seus filhos foram medidas perguntando: "Seu filho está abaixo do peso, peso normal, acima do peso ou muito acima do peso?". Mais da metade dos pais com filhos acima ou abaixo da faixa saudável de IMC relataram a intenção de "não fazer nada" sobre o peso de seus filhos, uma grande proporção de pais julga mal o status de peso de seus filhos e a maioria não expressa intenção de ajudar seus filhos a alcançar um peso saudável.

CONCLUSÃO

Ao reconhecer que obesidade é uma doença que deve ser levada a sério desde os primeiros sinais, observou-se neste trabalho que ela não age sozinha no organismo, a obesidade traz graves riscos à saúde do indivíduo e complicações em articulações que são importantes para a distribuição de carga do corpo humano.

O presente estudo ressalta todos os efeitos colaterais causados pela falta de acompanhamento em relação aos pais com seus filhos e sua alimentação. Deste modo, entende-se o quão perigosa a obesidade se torna ao longo dos anos, tanto fisicamente quanto emocionalmente na vida das crianças, e que por diversas vezes passa despercebida ao olhar das pessoas em sua volta.

REFERÊNCIAS

ASHRAF, H.; SHAMSI, N. I.; ASHRAF, R. Parental Perception and Childhood Obesity: Contributors to Incorrect Perception. **Journal Of Pakistan Medical Association**. Paquistão, v. 67, n. 2, p. 214-219, fev. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA (ABESO). **Mapa da obesidade**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade/>. Acesso em: 28 maio 2020.

AYER, J. CHARAKIDA, M.; DEANFIELD, J. E.; CELERMAJER, D. S. Lifetime Risk: Childhood Obesity and Cardiovascular Risk. **European Heart Journal**, v. 36, n. 22, p. 1371-1376, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/eurheartj/ehv089>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BATISTA, A. P. **Intervindo na obesidade da infância e adolescência: revisão da literatura**. 2011. 26 f. Dissertação (Especialização em atenção básica em saúde da família), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Minas Gerais, 2011.

BRANDALIZE, M. Alterações ortopédicas em crianças e adolescentes obesos. **Fisioterapia do Movimento**, v. 2, p. 283-288, 23 jun. 2010.

ÇAM, H. H.; ÜSTÜNER TOP, F. Overweight, obesity, weight-related behaviors, and health-related quality of life among high-school students in Turkey. **Eat Weight Disord** ., Turquia, p. 60-65, 28 set. 2019.

CASTRO, G. .; FIGUEIREDO, G. L. A.; SILVA, T. A.; FARIA, K. C. Qualidade de vida em crianças escolares com sobrepeso e obesidade. **Revista do Departamento de Educação Física e Saúde e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul**, v. 17, n. 4, p. 1-5, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8067>. Acesso em: 14 jun. 2020.

COLOGNESE, A. R.; POSSA, A. L.; RECH, R. L.; HALPERN, R. Prevalência de Obesidade e Sobrepeso segundo três critérios de avaliação em escolares da cidade

de Farroupilha/RS. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 14, n. 2, p.117-124, 2015.

COSTA, M. A. P.; SOUZA, M. A.; OLIVEIRA, V. M. Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 3, p.653-665, jul/set 2012.

COSTA; R. O. et al. Efeito do excesso de peso sobre parâmetros espirométricos de adolescentes submetidos ao exercício. **Revista Einstein**. v. 14, n. 2, 2016.

FRANKEL, L. A.; POWELL, E.; JANSEN, E. The Relationship between Structure-Related Food Parenting Practices and Children's Heightened Levels of Self-Regulation in Eating. **Childhood Obesity**, v. 14, n. 2, p. 81-88, fev. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1089/chi.2017.0164>. Acesso em: 13 jun. 2020.

GAZOLLA, F. M. et al. Fatores de risco cardiovasculares em crianças obesas. **Revista Hupe**, v. 13, n. 1, p. 26-32, 20 jan. 2014.

HERNANDES, F.; VALENTINI, M. P. Obesidade: causas e consequências em crianças e adolescentes. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, v. 8, n. 3, p.47-53, set. 2010.

LOURENÇO, M.; SANTOS, C.; CARMO, I. Estado nutricional e hábitos alimentares em crianças de idade pré-escolar. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 1, p. 7, 2014.

LUMENG, J. C. et al. Weight Status as a Predictor of Being Bullied in Third Through Sixth Grades. **Official Journal Of The American Academy Pediatrics**, v. 125, n. 6, p. 1301-1307, jun. 2010. Disponível em: <https://pediatrics.aappublications.org/content/125/6/e1301>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MELLO, Anne dal M. et al. Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças de seis a dez anos de escolas municipais de área urbana. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 1, n. 28, p. 48-54, 2010.

MELO, V. L. C.; SERRA, P. J.; CUNHA, C. F. Obesidade infantil impactos psicossociais. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 3, n. 20, p. 367-370, 2010.

MEREMA, M. R. et al. Parents' perception of their child's weight status and intention to intervene: a western Australian cross-sectional population survey, 2009-12. **Australian And New Zealand Journal Of Public Health**, v. 40, n. 1, p. 68-70,

nov. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/1753-6405.12483>. Acesso em: 18 jun. 2020.

PAPANDREOU, D. Risk factors for childhood obesity in a Greek pediatric population. **Public Health Nutrition**, v. 10, n. 13, p. 1535-1539, jan. 2010. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/public-health-nutrition/article/risk-factors-for-childhood-obesity-in-a-greek-paediatric-population/>. Acesso em: 30 maio 2020.

PAPROCKA, K. M. *et al.* Prevalence of incorrect body posture in children and adolescents with overweight and obesity. **European Journal Of Pediatrics**, v. 176, n. 5, p. 563-572, maio 2017.

PATEL, C. *et al.* Food Parenting Practices Among Parents With Overweight and Obesity: A Systematic Review. **Nutrients**, v. 10, n. 12, p. 1966-1967, dez. 2018.

PEDRONI, Josué Luís *et al.* Prevalência de obesidade abdominal e excesso de gordura em escolares de uma cidade serrana no sul do Brasil. **Revista Ciên. Saúde Colet.**, v. 18, n. 5, p. 1417-1425, Caxias do sul, jul. 2013.

RANKIN, Jean *et al.* Psychological Consequences of Childhood Obesity: Comorbidity and Psychiatric Prevention. **Adolesc Health Med Ther**, v. 7, p. 125-146, nov. 2016. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27881930/?from_term=childhood+obesity+and+emotional+consequences&from_pos=3. Acesso em: 13 jun. 2020.

RECH, R. R. *et al.* Prevalência de obesidade em escolares de 7 a 12 anos de uma cidade Serrana do RS, Brasil. **Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum**, v. 12, n. 2, p. 90-97, 2010.

RECH, R. R. Prevalence of Obesity, Overweight and Eating Disorders in a School-Based Population in Southern Brazil. **J Biosafety Health Educ**, p.1-6, 2013.

ROBINSON, T. N. *et al.* Screen Media Exposure and Obesity in Children and Adolescents. **Official Journal Of The American Academy Of Pediatrics**, v. 140, n. 2, p. 97-101, nov. 2017.

RODRÍGUEZ MARTÍN, A.; NOVALBOS RUIZ, J. P.; VILLAGRAN PÉREZ, S.; MARTÍNEZ NIETO, J. M. Parents' perception of Childhood Overweight and Obesity

and Eating Behaviors, Physical Activity and Sedentary Lifestyle of Their Children Spain. **Rev Esp Salud Publica**, v. 5, n. 86, p. 483-494, out. 2012.

ROSIEK, A. *et al.* Associations Between Overweight and Mental Health Problems Among Adolescents, and the Mediating Role of Victimization. **BMC Public Health**, v. 19, n. 1, 2019. Disponível em: <https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-019-6832-z>. Acesso em: 19 jun. 2020.

ROSIEK, A. *et al.* Effect of Television on Obesity and Excess of Weight and Consequences of Health. **International journal of environmental research and public health**, v. 12, n. 8, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4555288/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SAGAR, R. Psychological Aspects of Obesity in Children and Adolescents. **The Indian Journal Of Pediatrics**, v. 85, n. 7, p. 554-559, jul. 2015.

SILVA, L. R. *et al.* Alterações posturais em crianças e adolescentes obesos e não-obesos. **Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.** v. 13, n. 6, p. 448-454, abr. 2011.

STETTLER, N. Jogos eletrônicos e fatores ambientais associados à obesidade infantil na Suíça. **Obesity Society**, v. 12, p. 896-903, 6 set. 2012.

SUÑÉ, F. R. *et al.* Prevalência e fatores associados para sobrepeso e obesidade em escolares de uma cidade no Sul do Brasil. **Revista Brasileira Saúde Maternal Infantil**, v. 23, n. 6, p.1361-1371, jul. 2007.

TENORIO, A. S.; COBAYASHI, F. Obesidade infantil na percepção dos pais. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 4, n. 29, p. 634-639, 2011.

UMER, A. *et al.* Childhood obesity and adult cardiovascular disease risk factors: a systematic review with meta-analysis. **Bmc Public Health**, v. 17, p. 683-685, ago. 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5575877/>. Acesso em: 13 jun. 2020.